

O PANTANAL ENCANTADO: NATUREZA, IMAGINÁRIO E MITOS DAS ÁGUAS

Mário Cezar Silva Leite
UFMT

Eu, por princípio, e início de conversa, não gosto muito de enquadramentos ou nomenclaturas rígidas e categóricas. Modelos, formas, fôrmas, limites muito específicos e rigorosamente demarcados. Parece-me que é nos entroncamentos e nas conexões ou nas “bordas”, como diz Jerusa Pires Ferreira, que está a riqueza, a efervescência, a ebulição, o rebojo e o transbordamento.

O meu trabalho de doutorado, recentemente concluído, *Águas Encantadas de Chacororé: Paisagens e Mitos do Pantanal*¹ é em essência um trabalho sobre Imaginário. A percepção e elaboração do espaço Pantanal, mais especificamente da Lagoa ou Baía de Chacororé, para população ribeirinha pantaneira. Basicamente, verifiquei a maneira como se construiu uma percepção daquele espaço natural aquático profundamente assentado em arcaibouços míticos e sobrenaturais. Um trabalho sobre a relação entre natureza, águas, mitos, sobrenatureza e homens. História, memória e imaginário das águas.

Gilbert Durand diz que o imaginário “não é uma ‘disciplina’, mas o tecido conjuntivo ‘entre’ as disciplinas” e portanto é o “lugar do Entre Saberes”². No século XX, as imagens, o imaginário até então “banido” e refugiado “em lixeiras” aqui e ali, retornam progressivamente e já não é “só as ‘disciplinas’ que permitem a tolerância de 1 por cento” de “produções imaginárias, mas o imaginário que emerge de todas as disciplinas e as reforça.” A “hipótese de um imaginário rico na sua pluralidade e sistêmico ‘injeta-se’, pouco a pouco, em todas as disciplinas.” Mas “as letras e as artes de todos os tempos haviam sido o refúgio tolerado do imaginário.”³

Elaborar um trabalho sobre natureza, águas, homens, memória, oralidade e mitos, num espaço de geografia móvel⁴ como é o Pantanal pareceu-me impossível se não incorporasse ou lançasse mão de várias áreas do conhecimento e de múltiplas disciplinas como a História, a Geologia, Geografia, Antropologia, Literatura Oral, Cultura Popular e Mitologia. E foi este “tecido conjuntivo” – às vezes árduo e estranho a minha formação – que me auxiliou a pensar as Águas Encantadas de Chacororé.

O Pantanal como espaço geográfico parece ter – desde as suas primeiras descrições narrativas, feitas pelos viajantes espanhóis – conectado-se a uma tradição ocidental, já de origem mista, de lugares maravilhosos⁵. Lugares que teciam e incorporavam limites e conexões entre uma existência real, muitas vezes, e uma existência imaginária e, no mais das vezes, lugares somente imaginários.

¹ No Programa de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo sob a orientação da professora Doutora Jerusa Pires Ferreira.

² G. DURAND. *O Imaginário, Lugar do ‘Entre Saberes’*, Em: Campos Do Imaginário. p. 231.

³ G. DURAND. Op. cit. p. 232.

⁴ Expressão de Maria de Fátima Costa para o Pantanal devido ao seus fluxos de águas, vazante/cheia que de seis em seis meses modifica a paisagem. (Ver M. de F. Costa. *Notícias de Xarayes: O Pantanal entre os Séculos XVI e XVIII*. Mimeo.

⁵ Há uma vasta bibliografia sobre lugares imaginários, entre eles destaco aqui J. Delumeau. *Uma História do Paraíso e Mil Anos de Felicidade*, C. Kappler. *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, J. Magasich-Airola/J-M. De Beer. *América Mágica*. Muitos destes lugares estão ligados ao imaginário medieval e do início do moderno da busca pelo paraíso terrestre. As navegações e descobrimentos do século XVI são em parte desencadeadas por este imaginário de lugares míticos. Ver mais diretamente a este respeito J. Magasich-Airola/J-M. De Beer op. cit.

Para os primeiros viajantes espanhóis, no século XVI, o Pantanal é uma lagoa: A Laguna de Los Xarayes.⁶

Mas a descrição desta lagoa, nas terras dos índios Xarayes, entrelaça, nas crônicas e narrativas, natureza e imaginário. O que os espanhóis divulgaram para todo ocidente eram “notícias de um lugar onde existia a Serra de Prata, o rei branco, muitas riquezas”⁷ e até o reino das Amazonas. A percepção e a “leitura do ambiente” traduz-se e mistura-se “a um universo mágico, habitado por sonho de seres maravilhosos e paraísos encantados.”⁸

Com os portugueses e paulistas monçoeiros, já no século XVIII, rompe-se, de certa forma, esta tradição encantada-fantástica e a imagem de lagoa de Xarayes é gradualmente substituída pela de Pantanal, ou pantanais.⁹

Nas narrativas monçoeiras a intenção da descrição do espaço “ganha um sentido prático, quase didático, nos quais se procura ensinar a outros viajantes como vencer as agruras do difícil percurso fluvial.”¹⁰

Mas terão mesmo portugueses e paulistas suplantado completamente o maravilhoso, o fantástico e o imaginário fabuloso sobre as águas do Pantanal?

No imaginário popular brasileiro é bastante comum encontrar percepções da natureza fortemente simbólicas e mágicas. Elaborações que se estendem desde os efeitos terapêuticos das ervas, acompanhados de práticas mágicas¹¹, até as atribuições de racionalidade e poderes sobrenaturais à natureza. Em alguns casos a noção de natureza incorpora a noção de Deus ou vice-versa.¹²

A água por excelência parece ser um elemento propício e mais suscetível a carga semântica mágico-simbólica.

As populações ribeirinhas ou caiçaras, de maneira geral, desenvolvem uma percepção “complexa do meio” e de “seus fenômenos naturais. De um lado, há um vasto conhecimento empírico adquirido pela observação continuada dos fenômenos físicos e biológicos”. “De outro lado as explicações para tais fenômenos passam pela representação simbólica e pelo imaginário.”¹³

Alguns estudos da Antropologia e Etnologia, já demonstraram que as percepções que as populações caiçaras elaboram em relação às águas são as de um mundo reproduzido do mundo do seco. Ou seja, o universo submerso é uma reprodução do universo de fora d’água. Tudo o que se tem no seco se tem na água. Esta idéia-imagem, este imaginário, chega a grandes requintes de elaboração quando os próprios peixes são entendidos numa complexidade equivalente à humana e social. Têm casas, famílias, saem para trabalhar, voltam para o almoço etc.¹⁴

Para a população pantaneira, de forma abrangente, e em especial a da região da baía de Chacororé, onde realizei a pesquisa de campo, esta concepção de mundo aquático reproduzido não é estranha ou desconhecida. Mas o imaginário popular pantaneiro introduz um outro elemento que faz com que o universo reproduzido ganhe outra dimensão: a do sobrenatural e do encantamento. Desta forma, estabelece-se que se trata

⁶ Ver a esse respeito M. de F. Costa. Op.cit e *História de Um País Inexistente: O pantanal entre os séculos XVI e XVIII*.

⁷ M. de F. Costa. Op. cit. p. 4. A versão deste trabalho que estou utilizando nas citações é a da tese *Notícias de Xarayes e não a do livro História de Um País Inexistente*.

⁸ Idem, *Ibidem*. p. 49.

⁹ Idem, *Ibidem*. p. 173.

¹⁰ Idem, *Ibidem*. p. 171.

¹¹ Ver sobre o assunto, entre outros, C. Cascudo. *Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular*. Mais especificamente o capítulo *Botânica Supersticiosa no Brasil*. pp. 55-83.

¹² G. de Oliveira. *Tudo o que tem na terra tem no mar*. p. 21.

¹³ A. C. S. Diegues. *Povos e Mares*. p. 5/6. Embora o autor refira-se somente ao mar e populações caiçaras a afirmação pode ser ampliada para as populações beira d’água como um todo.

¹⁴ Ver a este respeito G. de Oliveira. *Tudo que Tem na Terra Tem no Mar*.

somente até certo ponto de uma reprodução. De certo modo, uma reprodução que muda a ontologia essencial da imagem ou do mundo fornecido como modelo. Uma reprodução que engendra uma outra ordem diferente da “original” ou da do mundo do seco.

Uma expressão, um dito popular, muito comum na região e que denota bem e de imediato esta idéia, quando se refere à água é a seguinte: “na água tem mais ser vivente do que cabelo na terra!” A princípio poder-se-ia pensar que esta expressão refere-se a existência de varias formas de vida natural nas águas, peixes, jacarés, cobras etc. Mas a bióloga Carolina da Silva e a antropóloga Joana Fernandes detectaram um campo semântico para esta expressão um pouco mais complexo e profundo, dizem elas:

Apesar de toda a técnica, estratégias, cuidados, ciclos lunares e nível da água que os pescadores devem observar, parece existir algo muito mais importante que regulamenta a pescaria./.../ Isto quer dizer que as águas são habitadas por muitas espécies de seres, além dos peixes, e todos perigosos aos humanos.¹⁵

Nas narrativas que recolhi em campo, sobre o encanto da baía de Chacororé, defrontei-me muito recorrentemente com seres como o cavalo d’água, o boi d’água, a serpente, o negrinho d’água e a mãe d’água qualificados e tratados por “bicho d’água”.

Sobre a gigantesca serpente, por exemplo, seu Donato dizia-me: “Ela é bicho como jacaré.” E eu insistia: “Mas então é coisa deste mundo seu Donato?” E antes dele, era sua esposa, Dona Maria, que me respondia: “Não, é do outro mundo. O senhor nunca viu coisa do outro mundo?” E seu Donato, na seqüência, para minha surpresa concluía: “É de outro mundo, porque os, os bichos de, de, rio, é, é da água. No seco ele não pega! É encantado!” E sobre esta serpente de Chacororé vale dizer que ela, ao mesmo tempo em que levanta a canoa de seu Donato nas costas, mais de dois metros acima da água, tem a cabeça presa no altar no altar da igreja de Nossa Senhora das Dores na cidade de Barão de Melgaço, muitos quilômetros da baía de Chacororé. Deste modo, percebe-se visivelmente as duas pontas, ou os dois pólos, com que ela se conecta: de um lado, a materialidade, o “bicho como jacaré”, o ser encarnado fisicamente, o mundo natural; por outro, todas as grandes imagens-serpentes míticas incluindo a Cobra Grande amazônica e o Minhocão.

Neste mesmo aspecto se pode falar também sobre o negrinho d’água que é encantado, mas pode dar enormes surras nos pescadores que pega e leva para sua casa em baixo d’água.

Mesmo quando se trata do cavalo e do boi marinho há a noção clara de que eles não são apenas reprodução, versão, aquática de seus equivalentes naturais da terra. Eles são encantados. Encantados, mas podem sair da água no fim do dia ou à noite para se alimentar de capim, pastar.

Para mim, confesso, não foi muito fácil entender exatamente o tipo de concepção e percepção que se elaborava ali, naquelas vozes pantaneiras, sobre as águas. E infelizmente, o tempo desta fala impede-me de alongar-me muito e de demonstrar mais rigorosamente, e com exemplos da pesquisa de campo, a complexidade e os veios que se conectam nesta percepção do espaço no imaginário popular pantaneiro. Não é muito simples deslindar o imbricamento que ocorre quando os seres imaginários e claramente sobrenaturais são qualificados de bicho d’água ou de “bicho como jacaré”, mas ao mesmo tempo são, também, encantados. E em muitos casos, como já aponte, são dotados de materialidade física, de um corpo material.

Resumindo muito grosseiramente as discussões e conclusões a que cheguei, na tese de doutorado, o que me parece importante frisar é que esta elaboração imaginária trata e estabelece a água como o outro mundo.

Outro mundo, água, encantado.

Os seres que se manifestam nas águas do Pantanal são da água e por isto são encantados, “no seco ele não pega”. A água é o mesmo e o outro mundo. Natureza e sobrenatureza

¹⁵ C. J. da Silva/J. A. Fernandes. *No Ritmo das Águas do Pantanal*. p. 165.

misturam-se e convivem nas águas. A mesma água que se vê, se pesca e navega é também o outro mundo, o mundo dos encantados. De algum modo, ela é o espaço aquático natural de sempre, mas é também o espaço encantado onde se engendram, residem e se manifestam os seres imaginários e os mitos.

Nos relatos dos pantaneiros salta sempre em primeiro plano a concepção de que o universo da água contém e engendra estes seres não só por ser água, mas por ser fundamentalmente também outro universo: o do sobrenatural.

Tem-se aqui muito fortemente a idéia de que a água, por si só, é de outra ordem e de outra esfera diferente da que conhecemos como mundo natural. Portanto, bichos naturais e bichos sobrenaturais podem estar contidos neste universo quase que equiparados e equivalentes. Mas não é só isto.

A água, para os pantaneiros, é, na verdade, um universo indistinto: natural e sobrenatural ao mesmo tempo. E os seres que nela borbulham configuram-se sempre, uns mais que outros, também nesta indistinção.

Desta forma é possível encontrar não só a idéia, mais geral, de que a água reproduz o mundo do seco, mas a mais específica de que ao reproduzir encanta e torna sobrenatural o mundo e os seres reproduzidos.

Cria-se assim um interessante jogo de trocas e permutas entre seres ontologicamente distintos. Os mitos e seres imaginários dotam-se de fisicalidade e racionalidade em vários aspectos, passando inclusive por uma humanização e culturalização. Que se configura muito explicitamente quando estes seres são entendidos como possuidores de casas, fazendas e cidades submersas; capazes até de desenvolver uma ciência, ou um espírito curioso e científico, para conhecer e entender os humanos. Exatamente como os peixes e jacarés que também se humanizam – da mesma maneira que os encantados – com suas cidades, fazendas e casas sob as águas.

Na verdade, a idéia da água como um universo indistinto entre o natural e o sobrenatural está intimamente ligada ao conceito de “encantado” como é utilizado pelos pantaneiros. Apesar de ser aplicado a uma variada gama de seres diferentes, e aqui se inclui também a água, este conceito popular da região determina os seres não só como sobrenaturais, mas como naturais e sobrenaturais ao mesmo tempo.

O “encantamento” das águas elabora-se como um universo indistinto. Não há separação ou ruptura entre as esferas do natural, do humano-cultural e do sobrenatural. Por isto, os encantados podem incorporar aspectos naturais na sua sobrenatureza.

A água, destes pantanais, é um universo intersecional. Na mitopoética pantaneira ela é sempre o universo natural, onde se pesca e navega, e sempre o universo não natural: o outro mundo que se tece nas vozes, na memória, nos espaços e no imaginário. Trama-se por aqui, neste rebojo, muitas formas de se entender as águas encantadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luis da Camara. *Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular*. São Paulo : Perspectiva, 1971.

COSTA, Maria de Fátima. *Notícias de Xarayes: O Pantanal entre os Séculos XVI e XVIII*. (Tese de Doutorado), São Paulo : FFLCH-USP, Departamento de História, 1997. Mimeo.

_____. *História de Um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo : Estação Liberdade : Kosmos, 1999.

- DELUMEAU, Jean. *Uma História do Paraíso: o jardim das delícias*. Trad. port. Teresa Perez. Lisboa-Portugal : Terramar, 1994.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima*. São Paulo : Nupaub-Usp, 1995.
- DURAND, Gilbert. *O Imaginário, Lugar do 'Entre Saberes'*, Em: Campos Do Imaginário. Trad. port. Maria João Batalha Reis. Lisboa : Instituto Piaget, 1998.
- KAPPLER Claude. *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*. Trad. Bras.Ivone Castilho Benedetti. São Paulo : Martins Fontes, 1994.
- MAGASICH-AIROLA, Jorge; BEER, Jean-Marc de. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. Trad. bras. Regina Vasconcelos. São Paulo : Paz e Terra, 2000.
- OLIVEIRA, Gláucia de. *Tudo que Tem na Terra Tem no Mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1989.
- SILVA, Carolina Joana; SILVA, Joana Aparecida Fernandes. *No Ritmo das Águas do Pantanal*. São Paulo : Nupaub/Usp, 1995.